
*A temática da emigração alemã para o Brasil em obras de
três autores da literatura alemã do século XIX: Amália
Schoppe, Friedrich Gerstäcker e Joseph Hörmeyer*

*Gerson Roberto Neumann**

Resumo: No século XIX inicia a emigração alemã para o Brasil. No Brasil a literatura dos imigrantes alemães e de seus descendentes já foi objeto de muitos estudos, mas o que foi produzido na Alemanha, durante o período da emigração em massa, por conterrâneos desses emigrantes é desconhecido, tanto do público brasileiro como do alemão. O presente artigo mostra os resultados de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica realizada em bibliotecas e arquivos alemães. Temos aqui quatro importantes obras: um conto de Amália Schoope, um romance e um conto de Friedrich Gerstäcker e um conto de Joseph Hörmeyer, que apresentam interessantes aspectos sobre o Brasil e a Alemanha no contexto e(i)migratório no século XIX.

Palavras-chave: imigração alemã, literatura alemã, século XIX.

Abstract: In the 19th century begins the German immigration into Brazil. In Brazil, the German immigrants Literature and of their descendants has already been a subject of many studies. Nevertheless, what was produced in Germany during the period of the great emigration by the land people of these emigrates is still unknown from the Brazilian people and also by the German folk. This article shows the results of a careful bibliographic research, that was made in German libraries and archives. In this article there are four important works: one narrative from Amália Schoope, one roman and one narrative from Friedrich Gerstäcker, and one narrative from Joseph Hörmeyer. They present interesting aspects about Brazil and about Germany at the e(im)migration context in the 19th century.

Key words: german immigration, german literature, 19th century.

* Doutor pela *Freie Universität* de Berlin, Alemanha. Professor de língua alemã na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail:* gerson.neumann@ig.com.br ou gerson.neumann@gmail.com

O Brasil é hoje um país caracterizado pela sua formação multiétnica, consequência, principalmente, das diversas ondas imigratórias oficiais,¹ que passaram a fazer parte da história brasileira a partir da primeira metade do século XIX, quando a Coroa portuguesa foi obrigada a se transferir para a sua então maior colônia, o Brasil, para não ter que se subjugar às tropas napoleônicas.

Uma vez instalados no Brasil, esses imigrantes dedicaram-se também à atividade cultural que visava, principalmente, a manter vivas as tradições herdadas de seus pais e ancestrais, que ficaram na terra natal (no caso dos alemães, no *Vaterland*) ou acompanharam os filhos na procura de um futuro melhor. Uma das formas de manter vivas as tradições culturais deu-se através de elaboração de textos (poesias, contos, relatos, romances), publicados, geralmente, em jornais e almanaques destinados à determinada comunidade imigrante, nos quais narravam as façanhas da travessia e do início da vida na nova pátria (*Der Einwanderer* – O Imigrante)², assim como cantavam as saudades da terra natal tão distante (*Erinnerung* – Lembrança),³ ou então exaltavam a felicidade de estar adaptados ao novo meio, cantando as belezas da nova pátria (*Teuto-brasileira*).⁴

São muitos os autores, imigrantes ou descendentes, que deixaram registrados os seus sentimentos e impressões sobre as suas vivências no Brasil, contribuindo, dessa forma, para o enriquecimento da literatura brasileira. Essa produção já foi (e ainda vem sendo) estudada por importantes especialistas da área no Brasil.⁵ Interessa-me, porém, abordar a seguir o que foi produzido na Alemanha, país de origem dos muitos imigrantes que viriam a adotar o Brasil como sua nova pátria. Até a presente data, não se sabia de um estudo detalhado sobre a produção de autores alemães, contemporâneos ao evento da emigração de tantos conterrâneos, sobre a emigração alemã para o Brasil, o segundo país mais procurado depois dos Estados Unidos. Perguntas como: o que foi escrito na Alemanha durante a fase emigratória por escritores contemporâneos ao evento da emigração sobre a saída de tantas pessoas para as Américas, no caso, aqui, para o Brasil? Quem são os autores dessa temática? A que época literária pertencem e que estilo seguem? Qual é o posicionamento dos autores em relação à emigração para o Brasil?

Importante, portanto, é a composição de um *corpus* da produção literária sobre o tema, ou seja, da literatura ficcional, que tematize a emigração alemã para o Brasil, uma vez que na minha opinião a literatura não-ficcional já foi objeto de muitos e interessantes estudos até o presente

momento, tanto no Brasil como na Alemanha. Além disso, seria difícil comparar a literatura ficcional com obras não-ficcionais.

Na Alemanha a pesquisa sobre a temática da emigração alemã para o Brasil não conta com uma pesquisa aprofundada. É importante, contudo, mencionar, neste momento, os trabalhos de Manfred Kuder:⁶ o artigo “*Die deutsch-brasilianische Literatur*” (A literatura teuto-brasileira) e o livro: *Die deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien* (A literatura teuto-brasileira e o sentimento de nacionalidade dos grupos alemães no Brasil). A pesquisa do referido autor concentra-se, porém, na produção literária dos imigrantes alemães e de seus descendentes no Brasil. Além de Kuder, é importante mencionar o sempre retomado artigo de Semper⁷ “*Auswanderer im Spiegel der Dichtung*” (Emigrantes à luz da poesia) no livro *Auswanderer. Bilder und Skizzen aus der Geschichte der deutschen Auswanderung* (Emigrantes. Imagens e esboços da história da emigração alemã), de Hermann von Freeden e Georg Smolka citados por Semper, que busca dar-nos uma visão ampla da literatura de emigração – a *Auswanderungsliteratur*. Já Karl Fouquet retoma e traduz para o Português praticamente todos os poemas reunidos por Semper no livro *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808-1824-1974*, já mencionado na nota acima.

De grande importância é também a tese de doutorado de Hubertus J. Rescher,⁸ “*Die deutschsprachige Literatur zu Brasilien von 1789-1850*” (A literatura em língua alemã sobre o Brasil de 1789 a 1850), na qual o autor busca reunir as publicações em língua alemã (literatura ficcional e não-ficcional) sobre o Brasil no referido recorte temporal. Rescher concentrou-se, porém, somente nas obras em prosa no seu trabalho, ignorando as importantes poesias publicadas sobre o Brasil no século XIX. Além disso, há alguns títulos que não constam dessa pesquisa. Também a historiadora Juliane Mikoletzky⁹ realizou uma interessante pesquisa de doutorado, que neste momento serve como importante elemento de comparação. Seu trabalho, intitulado: *Die deutsche Amerika-Auswanderung des 19. Jahrhunderts in der zeitgenössischen fiktionalen Literatur* (A emigração alemã para os EUA no século XIX na literatura ficcional alemã contemporânea ao evento), busca, como se lê, reunir informações sobre a emigração alemã para os EUA na literatura ficcional contemporânea a esse importante evento.

O texto a seguir é parte do resultado da minha pesquisa de doutoramento, realizada na Freie Universität Berlin – FU-Berlin – e

publicada sob o título *Die Thematik der Brasilienauswanderung in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800-1871)* (A temática da emigração alemã para o Brasil na literatura alemã do século XIX (1800-1871)),¹⁰ tendo realizado, num primeiro momento, um minucioso levantamento bibliográfico para reunir todas as obras conhecidas até o presente momento, assim como encontrar poemas, contos, romances e toda forma de literatura ficcional inéditos e/ou esquecidos no século em questão. O primeiro grande objetivo da minha pesquisa foi justamente reunir toda a literatura ficcional alemã – em prosa e em verso – sobre a temática da emigração alemã para o Brasil. Como segundo grande objetivo viria uma análise dessas obras com os utensílios oferecidos pela ciência da literatura. Cabe ressaltar, aqui, que as obras em prosa e as em verso foram analisadas de formas diferentes, devido à necessidade que a análise de cada uma requer, mas um aspecto de ordem conteudística perpassou de modo igualitário todas as obras analisadas: a posição que o autor de cada obra defende em relação à emigração alemã para o Brasil.

Quanto à análise propriamente das obras, seguiu-se o seguinte processo:

A – obras em prosa: o autor e sua relação com o contexto emigratório; breve resumo da obra, assim como uma análise do texto inserido no contexto. Destacar, além disso, em cada obra, cinco aspectos que as perpassam como um fio condutor: 1. A vida na Alemanha e a procedência dos futuros imigrantes; 2. A imagem do Brasil dos futuros imigrantes; 3. O brasileiro na visão do imigrante alemão; 4. A temática da escravidão; e 5. A prática religiosa no novo contexto.

B – a lírica: a análise da lírica deu-se através da busca de elementos que destacassem a relação do autor com o contexto emigratório, seguida de uma análise atenta da forma e do conteúdo dos poemas. Na análise dos poemas, não podemos destacar a forma do conteúdo, mas, em certos momentos dessa análise, uma separação dos dois componentes fez-se necessária e importante, visto que alguns poetas deram pouca atenção à forma do poema, concentrando-se basicamente no conteúdo do mesmo.

O *corpus* da pesquisa é composto de obras de caráter muito variado, o que dificulta um procedimento homogêneo de pesquisa. Claro está que todo poema, por exemplo, é uma obra única e completa, sendo impossível igualá-lo a outro, mas um agrupamento por afinidades literárias é um processo comum num estudo literário nessa situação, nesse caso, o agrupamento por poemas que tematizem a emigração alemã para o Brasil. Caracterizo as obras que a seguir apresentarei mais

detalhadamente de “literatura de emigração”, sendo cada obra em si o resultado de uma “produção de circunstância”, ou seja, um poema de circunstância, um conto ou um romance de circunstância (*Gelegenheitsliteratur*).

Chego a essa conclusão porque trabalho com obras e autores que foram muito conhecidos no século XIX, mas que hoje são praticamente desconhecidos, tanto do público alemão quanto do brasileiro. Trata-se, porém, de uma vasta produção literária que registra um importante momento na história alemã como também na brasileira. Cito aqui as palavras de Hans-Heinz Keller, extraídas do artigo “*Die Brasilienauswanderung aus dem Hunsrück – Symptom einer geistigen Strömung*” (A emigração do *Hunsrück* para o Brasil: sintoma de uma corrente imaginária), para realçar a importância dessa literatura como relevante registro do momento histórico num século de grande agitação:

Quando nós falamos do século passado [aqui o século XIX], vemos nele o século das guerras, do *Kulturkampf* e das revoluções sociais, vemos nele o século do desenvolvimento industrial e do avanço, o século das descobertas e esquecemos que ele [também] é o século da emigração.¹¹

Sabemos que o contexto socio-histórico no qual estão inseridos autores e obras reflete a realidade que os acerca. Mas é importante enfatizar que, aqui, se trata de uma literatura produzida para um determinado grupo de leitores, uma literatura que teve grande aceitação na época em que a emigração alemã para as Américas chegou a ser denominada emigração em massa. Nesse período, essa literatura de circunstância tornou-se também uma literatura de massa, produzida para as massas e geralmente tematizando as massas. Na produção literária formou-se um interesse cada vez maior pelo romance social, podendo o pobre, nesse caso o emigrante, ser inserido como personagem na obra. A primeira década do século XIX marca a evolução e a preferência ao romance social em oposição à concepção da arte clássica, do Romantismo e do *Junges Deutschland*.¹² No que se refere à literatura em questão, trata-se de obras que tematizam a emigração alemã para o Brasil, nas quais é possível perceber um certo caráter didático, visto que o autor, muitas vezes, busca informar o leitor sobre a emigração para o Brasil, por um lado, ou então assume claramente uma posição propagandística a favor ou contra a emigração de alemães para o País. A literatura em questão foi publicada em forma de livro em diferentes editoras ou então nos muitos

jornais de emigração que surgiram na Alemanha, no século XIX. Supõe-se, também, que alguns poemas devem ter circulado e ter tido grande recepção em forma de panfletos.

A seguir cada obra será comentada individualmente, caracterizando, assim, autor e obra no contexto emigratório, mas serão enfocadas somente as obras em prosa, devido à extensão que tomaria o texto ao trabalhar também as obras em verso. O objetivo principal neste momento é trazer ao público brasileiro autores e obras alemãs que tematizaram a emigração para o Brasil no século XIX.

As obras em prosa são desconhecidas do público brasileiro. Trata-se de obras não-citadas quando se trabalha a temática da imigração alemã no Brasil. Além disso, estamos falando de três obras não-traduzidas para o Português (o livro de Joseph Hörmeyer foi traduzido em 1966 para o Português, mas até o presente momento não foi analisado a partir do prisma literário, observando-se a temática da emigração alemã para o Brasil).

Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha de Amalia Schoppe

A primeira obra é o conto “*Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*” (Os emigrantes para o Brasil ou a cabana às margens do Gigitonhonha),¹³ de Amalia Schoppe, publicado em 1828, pela editora de C. Fr. Amelang, em Berlim.

Amalia Schoppe¹⁴ nasceu no dia 7 de outubro de 1791, na cidade de Burg, na ilha Fehmarn, no Norte da Alemanha, e morreu em 1858, em Schenectady – próximo a Nova Iorque, nos EUA, para onde emigrou em 1851, seguindo o filho que emigrara anos antes.

Sua atividade literária é marcada pela produção intensa de obras dedicadas à educação moral, em grande parte para a juventude alemã da primeira metade do século XIX. Suas obras caracterizam-se pelo caráter didático de cunho moral e religioso do *Biedermeier*¹⁵ alemão. É importante ressaltar que Amalia Schoppe é uma escritora, mulher que consegue se sustentar, juntamente com seus três filhos – seu marido havia se suicidado anos depois do casamento –, da sua produção literária, um dado novo no contexto literário alemão da primeira metade do século XIX.

A partir de 1822 Amalia Schoppe publica contos como “*Abendstunden der Familie Hold*” (As noites da Família Hold, 1823), “*Die beiden kleinen Seiltänzer*” (Os dois pequenos equilibristas, 1835),

romances históricos como *Tycho de Brahe* (1839) e *Polixena* (1844). De cunho especificamente pedagógico é seu *Haus-und Schulfibel nach einer verbesserten Methode* (Cartilha para lar e escola a partir de um método melhorado, 1830 e 1832) e o seu *Wandfibel* (Cartilha para a parede). Além disso, de 1827 a 1846 Amalia Schoppe é redatora de revistas como da *Pariser Modeblätter* (Revista de moda parisiense, de Hamburg), a partir de 1827 da *Iduna. Zeitschrift für die Jugend beiderlei Geschlechts* (Iduna. Revista para a juventude de ambos os sexos, de Hamburg e Altona) e de 1847 a 1851 da *Cornelia. Taschenbuch für deutsche Frauen* (Cornelia. Livro de bolso para mulheres alemãs, de Darmstadt) e escreve para a *Morgenblatt für gebildete Stände* (Folha matinal para as classes cultas, de Stuttgart/Tübingen) e para a *Morgenblatt für gebildete Leser* (Folha matinal para leitores cultos, de Stuttgart/Tübingen), para as quais Schoppe escreve poemas e contos.

Apesar de sua intensa produção e de seus contatos próximos com escritores renomados, como Justinus Kerner, Karl August Varnhagen von Ense, Rahel Varnhagen e Adalbert von Chamisso, Amalia Schoppe é mencionada somente quando se trata da biografia do jovem – e futuramente famoso – dramaturgo Friedrich Hebbel, o qual ela sustentou financeiramente, na sua fase de formação, na cidade de Hamburg. Além disso, Amalia Schoppe consta somente entre os autores alemães de literatura infanto-juvenil.

Em 1828 Amalia Schoppe publica, portanto, um conto sobre a emigração alemã para o Brasil, que terá uma boa repercussão na época, o que é comprovado pela sua reedição em 1852 e sua tradução para o tcheco em 1830. De uma relevância ainda maior é o dado sobre a grande recepção de sua obra na França: segundo a *Bibliographie französischer Übersetzungen aus dem Deutschen 1487-1944*,¹⁶ o conto foi traduzido para o francês e teve 27 edições entre 1830 e 1919.

No conto “*Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*”, Amalia Schoppe busca, em primeiro lugar, um país distante da realidade alemã da época para que seja possível desenvolver a temática da viagem, em voga na primeira metade do século XIX, principalmente, com as *Robinsonaden*. A autora procura trabalhar o cunho formador e moralizante acompanhado da descoberta de elemento novo, nesse caso, a nova realidade. Associado a isso, Amalia Schoppe preocupa-se com a temática da escravidão em dois aspectos: por um lado, ela critica a forma como alguns países seqüestram os africanos de sua terra e os forçam a trabalho escravo, como se pode ler a seguir num comentário

inserido no conto: “O comércio escravo já foi proibido em toda a Europa sob pena de duras represálias – e na Dinamarca que foram dados os primeiros passos para acabar com essa monstruosidade.”¹⁷ Os escravos africanos no Brasil são sempre descritos como seres tristes e sofridos, vistos geralmente com compaixão, característica também do *Biedermeier* alemão. Por outro lado, a autora mostra uma grande preocupação com o trabalho de emigrantes europeus, neste contexto, especificamente de alemães, no Brasil. Conrad, o filho mais velho da Família Riemann vende sua liberdade para o capitão do navio sem o conhecimento do pai para pagar a passagem dos outros integrantes da família. Uma vez no Rio de Janeiro, ele é comprado pelo responsável pelos jardins reais, onde trabalhará juntamente com escravos africanos. O trabalho escravo de imigrantes alemães, contudo, não ocorreu no Brasil. De acordo com Cortez,¹⁸ que trabalha o conto de Amalia Schoppe no artigo “Entre o Bem e o Mal – a representação do Brasil na novela *“Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha”* – conclui-se que Conrad, como branco, cristão e europeu, não poderia ser comprado como escravo a partir das leis brasileiras daquele período.

Mas segundo o historiador Wilhelm Mönckmeier, a prática do compromisso com os capitães de navios ocorria no período da emigração alemã, pois, devido ao seu estado de pobreza, muitos alemães não viam outra saída senão “vender-se” para as Américas. Mönckmeier diz o seguinte no seu livro: *Die deutsche überseeische Auswanderung. Ein Beitrag zur deutschen Wanderungsgeschichte* (A emigração alemã ultramarina: uma contribuição para a história da migração alemã):

Como os emigrantes geralmente eram pessoas pobres ou expulsas de suas propriedades e dificilmente teriam as condições de pagar com recursos próprios os altos custos da viagem, eles eram perfeitos objetos de especulação para companhias de navegação e especuladores, tendo sido praticado um verdadeiro comércio por longo tempo.¹⁹

A partir de relatos de Friedrich Kapp no livro: *Geschichte der deutschen Einwanderung in Nordamerika* (História da imigração alemã na América do Norte), o trabalho escravo de europeus parece ter sido uma prática usual no contexto imigratório norte-americano, como é possível constatar na longa descrição de Kapp:

Um e outro comerciante daqui recebem as listas das cargas e dos acordos, que os emigrantes assinaram a punho na Holanda, juntamente com as contas restantes da viagem pelo Rio Reno e do adiantamento que lhes foi oferecido para bebidas consumidas a bordo do navio. Sobre a chegada informam os jornais, dizendo que chegaram mais tantos e tantos alemães e que desta carga estão à venda. [...] O navio é o mercado. Os compradores escolhem muitos, acordam com eles dias e anos de trabalho, acompanhando até os senhores, pagam a passagem e custos restantes e deixam-nos registrar-se por meio de uma autoridade legal como uma posse por um determinado prazo de tempo. Os jovens solteiros de ambos os sexos são os primeiros a ir, [...] todos os casados, viúvos ou fracos ninguém quer comprar [...] tendo eles, porém, crianças saudáveis, assim a passagem deles conta para as crianças, que terão que trabalhar por mais tempo, são vendidas por um preço mais alto e distantes umas das outras.²⁰

Na verdade, as informações contidas na citação acima aproximam-se muito da realidade dos contratos de parceria realizados também no Brasil, principalmente no que se refere à imagem que os donos das grandes áreas de terra tinham em relação aos imigrantes: nada mais que escravos não-negros.

Nesse caso, o final da história de Conrad é feliz graças à interferência da Princesa Leopoldina em prol de seus conterrâneos, falantes de língua alemã. Assim, a família de pobres camponeses alemães oriundos do Sul da Alemanha, que vendera o único bem que detinha, uma casa herdada em más condições, para poder encarar uma nova realidade num destino distante, acaba por conseguir realizar o sonho do velho pai Riemann, passando por todas as dificuldades sem perder a fé, mesmo num mundo sem muito amor ao próximo.

Amalia Schoppe tende a reunir os imigrantes alemães entre eles, o que permite uma convivência mais amena e recíproca, pois dos habitantes das terras brasileiras as informações não são boas, como podemos ver a seguir: “[...] que dos cubiçosos habitantes desta terra nada se desenvolveu de amor ao próximo e a Deus já se sabia de tristes e deprimentes experiências anteriores.”²¹

Die Colonie. Brasilianisches Lebensbild de Friedrich Gerstäcker

Na segunda metade do século XIX, Friedrich Gerstäcker escreve um romance e um conto que tematizam a emigração alemã para o Brasil. Gerstäcker nasceu no dia 10 de maio de 1816, em Hamburg, e morre no dia 31 de maio de 1872, em Braunschweig.²² A intenção de Gerstäcker de conhecer o mundo, inspirado nas obras de Cooper, Defoe e Sealsfield, acompanham-no desde sua infância, como ele próprio comprova no livro autobiográfico *Kleine Erzählungen und Nachgelassene Schriften* (Pequenas histórias e escritos póstumos):

O que me levou para esse mundo? – Quero ser sincero, assim foi um velho conhecido de nós todos a me dar o primeiro impulso, e ele não é nada mais que Robinson Crusoe. Nos meus oito anos eu já havia me decidido a procurar da mesma forma uma ilha desabitada.²³

Friedrich Gerstäcker emigra em 1837 – aos 21 anos – para os EUA, onde cruza o país de Norte a Sul, sustentando-se das mais diferentes formas. Em 1843 regressa à Alemanha, onde inicia suas atividades de escritor, publicando, então, os seus dois mais famosos romances: *Die Regulatoren in Arkansas* (Os reguladores no Arkansas (1846)) e *Die Flusspiraten des Mississippi* (Os piratas do Mississippi (1848)).

Suas obras têm boa recepção e são traduzidas para muitas línguas – inglês, francês, holandês – ainda no século XIX. Em 1848 Gerstäcker envolve-se nas agitações políticas de 1848, mas por pouco tempo, pois para a sua atividade literária ele necessita de mais viagens, fontes para as suas obras. O autor, porém, não se desvincula totalmente da política alemã, uma vez que, nas suas viagens pelo mundo, ele busca material para as próximas publicações e faz também levantamentos sobre áreas para onde a emigração alemã poderia ser direcionada com sucesso.

Dessa forma, Gerstäcker inicia a sua segunda grande viagem: de 1849 a 1852 pela América do Sul, Califórnia, pelo Hawai e Taiti. Em 1860 o autor começa a sua terceira viagem e nessa o autor tem um objetivo claro em relação à emigração alemã: Gerstäcker quer visitar as colônias alemãs já existentes na América do Sul e fazer levantamentos sobre as possibilidades de intensivar a emigração para lá. Durante a viagem ele tem a possibilidade de discutir sobre o futuro da emigração alemã com personalidades de países da América do Sul. Numa dessas possibilidades oferecidas a Gerstäcker, ele encontra o imperador Dom

Pedro II no Rio de Janeiro e faz uma palestra, publicada ainda no mesmo ano pela Editora Lorenz Winter sob o título: *Die Deutschen im Ausland. Vorlesung gehalten von Friedrich Gerstäcker im Saale der Kaiserlichen Militär-Academie zu Rio de Janeiro, den 21. September 1861* (Os alemães no Exterior. Palestra apresentada por Friedrich Gerstäcker no Salão da Real Academia Militar, no dia 21 de setembro de 1861).²⁴ Em 1861 Gerstäcker regressa à Alemanha e publica o romance *Die Colonie. Brasilianisches Lebensbild* (1862)²⁵ na Editora Costenoble. Além disso, o autor publica importantes artigos sobre o contexto imigratório alemão no Brasil em revistas alemãs, principalmente na então muito conhecida *Gartenlaube*. De grande importância é também a obra *Achtzehn Monate in Südamerika* (Dezoito meses na América do Sul (1862)), resultado de anotações no seu diário de viagem. Anos depois, em 1869, o autor publica o importante conto “*Die Parcerie-Verträge*” (Os contratos de parceria).²⁶

Depois da viagem pela América do Sul, Gerstäcker fez mais duas viagens nessa década: em 1862, pelo Egito, acompanhando o príncipe de Coburg-Gotha; e de 1867 a 1868, a sua última viagem, pelos EUA, México, Equador, Venezuela e parte da Ásia.

O *Die Colonie* narra a vida de uma colônia – Santa Clara – situada no Estado de Santa Catarina. Nessa colônia, o diretor Sarno enfrenta alguns problemas que são narrados por um viajante alemão, que chega juntamente com o novo agrimensor designado pelo governo central para a colônia: von Schwartzau. Könnern, o viajante, quer saber mais sobre as colônias no Brasil e reunir material de pintura para a sua pasta. Nesse caso, já é possível perceber que Könnern representa a figura do autor Friedrich Gerstäcker.

Nesse romance, o autor pretende deixar claro que a emigração alemã é perfeita para quem sabe trabalhar no campo e de modo algum para a aristocracia. Esse é um dos problemas centrais da obra de Gerstäcker. Em Santa Clara, o diretor vive em constante conflito com os representantes de uma aristocracia alemã falida, que pretende viver no interior do Brasil da mesma forma como vivia na Alemanha. Trata-se, aqui, de muitos emigrados depois da frustrada Revolução de 1848. Para o diretor Sarno está claro que para a sua colônia ele não necessita de pessoas de classe, mas de pessoas que saibam trabalhar na terra.

No texto é possível ver algumas posições em relação a esse problema trabalhado por Gerstäcker em seu romance *Die Colonie*: numa o diretor fala para Könnern sobre as suas dificuldades com a classe aristocrata:

Sobre eles um pobre diretor sabe falar melhor, pois justamente a minha comunidade está infestada de um tipo de pessoas, quase todas espantadas para cá pelo ano de 1848 da Alemanha e as quais agora não sabem o que devem iniciar consigo mesmas nesse mundo de Deus.²⁷

Num outro momento, Oskar, filho da condessa Baulen, expressa sua opinião da seguinte maneira: “Ele não havia vindo para o Brasil para ‘trabalhar feito um escravo’, pois senão poderia ter-se pintado desde o início de preto.”²⁸

Mas também os agricultores não escapam das críticas do diretor, que não admite a comodidade com que esses encaram o início de sua vida no Brasil. Segundo o diretor Sarno, esses deveriam aproveitar as chances que lhes eram oferecidas pelo governo brasileiro e por ele próprio, pelo diretor da colônia. Novamente é para Könnern que o diretor se lamenta dos agricultores da seguinte maneira:

Veja o senhor! Disse o diretor para Könnern. Durante meses eles ficam jogados aí preguiçosamente e vivem dos recursos que o estado lhes dá, de dinheiro, portanto, que terão que restituir em cinco anos. Mas eu lhes ofereci a oportunidade de ganharem alguma coisa para si.²⁹

Além do problema da composição dos imigrantes que devem formar as colônias, Gerstäcker aborda a questão religiosa, uma vez que em Santa Clara acontece um caso que agita a localidade. O delegado local, o português Dom Franklin, foge de Santa Clara com a esposa do sapateiro Pilger. Esse persegue o casal fugitivo até Florianópolis, onde é confrontado com a seguinte situação: sua esposa havia se convertido para a religião católica e assim pôde se casar com o delegado, como o padre esclarece numa discussão com Pilger:

- Depois que sua esposa assumiu o credo católico, casei-a com Dom Franklin segundo os ritos da nossa Igreja numa relação indissolúvel.
- Uma mulher casada? – responde Pilger, desnorreado com o que ouvira.
- Uma relação protestante não é um impedimento canônico, disse o religioso friamente, e se o senhor vai a um país diferente deve sujeitar-se às leis em vigor.³⁰

Também outros aspectos interessantes como o de não haver um professor habilitado a dar aulas regularmente na colônia, assim como o pastor que, na Alemanha, fora condutor de trem, são trabalhados pelo autor no romance. No *Die Colonie*, Gerstäcker antecipa o problema dos contratos de parceria e a conseqüente polêmica em torno da colônia Mucury, no Estado de Minas Gerais. Na história, alguns dos sobreviventes são trazidos à Colônia Santa Clara, onde relatam sua tragédia para grande assombro dos bem-situados habitantes locais.

Die Parcerie-Verträge, de Friedrich Gerstäcker

No conto “*Die Parcerie-Verträge*”,³¹ o autor trabalha um dos maiores temores dos coordenadores da emigração alemã para o Brasil, assim como o temor dos próprios interessados em emigrar: os contratos de parceria. Num longo conto, Gerstäcker narra a história da Família Behrens que emigra das proximidades da cidade de Augsburg, na Baviera, com um contrato de parceria para o Brasil. Na verdade, Behrens pretende encontrar seu irmão, que está no Estado de Santa Catarina, mas pelo contrato seu destino é inicialmente o Estado de Minas Gerais, onde deve trabalhar até quitar suas dívidas de transporte com o senhor da fazenda de café. De forma bastante clara e didática, Gerstäcker quer informar o interessado em emigrar sobre os contratos de parceria. O conto de Gerstäcker chega, porém, com certo atraso ao público (1869), visto que desde 1859 a opinião pública brasileira e alemã discute esse problema, principalmente depois da revolta de emigrantes suíços em uma fazenda de café, em São Paulo. Na publicação “*Die Kolonisten in der Provinz St. Paulo in Brasilien*” (Os colonos na Província de São Paulo, no Brasil),³² Thomas Davatz relata a situação dos imigrantes nessa fazenda.

No *Die Parcerie-Verträge*, Gerstäcker narra a história de Behrens, que, apesar de todos os avisos, assina de forma precipitada um contrato de parceria. A partir do momento em que sai de sua região, e as pessoas começam a falar de forma diferente, iniciam os seus problemas. No Brasil precisa trabalhar juntamente com os escravos africanos na fazenda de café. O trabalho é duro, e a situação da família é crítica, tanto que sua esposa e o filho mais novo morrem. Graças à interferência de um emissário alemão, a família consegue ser liberta do seu trabalho semi-escravo e ser levada para Santa Catarina.

Também em Gerstäcker é perceptível a preferência pela estruturação de comunidades de imigrantes alemães sem contato com brasileiros e outros grupos, como é possível ver no diálogo a seguir, quando Könnern e von Schwartzau são convidados a descansar na residência de um casal de descendentes de alemães, que mora na entrada de Santa Clara:

– Vocês portanto não são alemães? perguntou o mais velho dos estranhos [Schwartzau].

– Nós? – Não, riu o homem, – quer dizer, sim, nós somos sim alemães, mas não nascidos na Alemanha, e sim aqui no Brasil. Meu pai é da região do Reno e o da minha esposa de Innsbruck. Ambos chegaram há trinta anos e se fixaram em São Leopoldo.

– Brasileiros, portanto? – disse Günther decepcionado.

– Não, nós somos alemães sim, riu a mulher brincando, e sempre tendemos aos alemães, como o senhor pode ver, pois com os “pés de chumbo” [os portugueses] não têm jeito, eles não querem trabalhar e fazer nada.³³

Georg, der Auswanderer. Oder: Ansiedlerleben in Süd-Brasilien. Illustrierte Schilderungen zur Erwägungen für Wanderlustige, de Joseph Hörmeyer

Também na segunda metade do século XIX, Joseph Hörmeyer inicia suas atividades literárias na Alemanha, depois de viver anos no Brasil. Para compôr os dados biográficos do autor, dispõe-se, infelizmente, de poucas informações na Alemanha. Joseph Hörmeyer³⁴ nasceu em 1824 e morreu em 1866, provavelmente em Viena.

Hörmeyer chega ao Rio de Janeiro como Capitão de Infantaria em 1851 e é enviado imediatamente para o Rio Grande do Sul, onde assume uma tropa que deve lutar contra o ditador argentino Rosas. Depois da guerra, deixa as suas funções em 1854 e permanece por algum tempo nas colônias alemãs no Estado de Santa Catarina. Depois de pouco tempo retorna à Alemanha, onde inicia sua atividade literária, publicando, em 1854, o livro: *Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul in Südbrasilien mit besonderer Rücksicht auf deren Kolonisation* (Descrição da Província do Rio Grande do Sul, com especial atenção à sua colonização). Esse seu primeiro livro recebe uma boa crítica no *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, um dos mais importantes jornais sobre a imigração alemã nesse período.³⁵

A produção de Joseph Hörmeyer é claramente propagandística, ou seja, o autor informa, em suas obras, aos interessados sobre o Brasil, destacando que também para lá os alemães devem se dirigir. Uma clara tentativa de desviar a intensa emigração alemã dos EUA para o Brasil. Nesse período Hörmeyer também entra em conflito com J. J. Sturz, antigo cônsul brasileiro em Hamburg, que fazia propaganda contra a emigração alemã para o Brasil com textos agressivos em jornais e revistas alemães.

Em 1863 Hörmeyer publica seu próximo livro em nova forma literária, trabalhando a temática da emigração alemã para o Brasil de modo ficcional, mas sem deixar de dar um caráter informativo e real à obra. O seu livro: *Was Georg seinen deutschen Landsleuten über Brasilien zu erzählen weiss* (O que Georg sabe dizer aos seus conterrâneos alemães sobre o Brasil) teve boa recepção, mas a dedicatória ao ministro da agricultura, nas páginas iniciais, abriu espaço para críticas à obra, classificada por isso como de propaganda.

Em 1869 o autor publica uma nova versão melhorada da obra, sob o título: *Georg, der Auswanderer. Oder: Ansiedlerleben in Süd-Brasilien*. (Georg, o emigrante. Ou: vida de imigrante no Sul do Brasil).³⁶ Esse livro foi bem recebido pela crítica e destaca-se como o seu melhor livro. Nele, Georg, o personagem principal da história, volta para a Alemanha depois de longos anos no Brasil. Aparentemente sua situação é muito boa, pois nenhum dos seus antigos conhecidos reconhecem o desconhecido bem vestido que entrara de charrete no vilarejo. Georg havia sido forçado a emigrar depois que o padre da comunidade cobrou dele e de sua noiva, Lise, um valor impossível de ser pago pelo jovem casal para poderem casar. Depois de se unirem sem o reconhecimento religioso, o casal foi discriminado pela população que boicotava o trabalho de ambos. Nada mais restava aos dois a não ser a emigração do local. Georg emigrou com um contrato de parceria e teve sorte com o dono da fazenda, que lhe pagara a passagem para o Brasil. De volta à Alemanha, Georg quer levar sua sogra e sua cunhada para o Brasil, como prometera. Os seus antigos conhecidos querem, porém, saber mais de Georg e sobre a emigração para o Brasil. Como sua intenção é permanecer por duas semanas no local, ele se propõe a relatar sua experiência. Semelhante à novela “*Mil e uma noites*”, Georg informa os alemães sobre a sua emigração para o Brasil e a sua situação naquele país.

Na parte inicial do livro, o autor faz uma introdução realçando a ficcionalidade da mesma. A partir do momento em que Georg passa a

relatar sobre sua emigração e sobre o Brasil, o texto fica com um caráter claramente informativo e pouco desenvolvido literariamente. A seguir, são dados alguns exemplos dos temas apresentados por Georg em duas das quatorze noites:

Primeira noite: Onde fica o Brasil? Os alemães não trabalham, puxando o arado e muito menos são vendidos como escravos. Os índios. Os brasileiros livres. Os negros e a escravidão. Os imigrados.³⁷

Quinta noite: A estadia de Georg em Santos. Viagem para São Jerônimo. Vantagens dessa forma para os imigrantes. A moradia. A fazenda.³⁸

O empenho de Joseph Hörmeyer em prol da emigração alemã para o Brasil é reconhecido pelo governo brasileiro, que o nomeia agente de emigração em Viena.

Considerações finais

Procurou-se descrever neste texto, brevemente, quatro obras em prosa, em geral desconhecidas do público brasileiro. Trata-se de obras que tematizam a emigração alemã para o Brasil no século XIX. Em nenhum momento um dos três autores aconselha os seus conterrâneos a não emigrarem para o Brasil; pelo contrário, o Brasil é visto como possibilidade de melhoria das condições de tantos alemães, vivendo em estado de miséria na Alemanha. Claramente presentes nas obras de Amália Schoppe e Friedrich Gerstäcker estão aconselhamentos para futuros emigrantes, para que não ocorram erros como os descritos nas obras: acabar como trabalhador escravo nas lavouras de café, ser explorado pelos capitães de navios de emigrantes, ter problemas com a prática religiosa. Em Hörmeyer esses aconselhamentos em relação a possíveis dificuldades são pouco descritos, mas o autor já parte para dicas de caráter mais prático, como por exemplo: épocas de plantio, clima, animais, venda e compra de produtos, etc.

As obras acima apresentadas foram, portanto, escritas com o objetivo de chegar às mãos de futuros emigrantes e procuravam, dessa forma, transmitir mensagens de uma forma quase didática. Não devemos esquecer que os leitores dessas obras, futuros emigrantes, eram pessoas que mal dominavam a leitura e muito dificilmente tinham condições de comprar tais livros. Trata-se de obras que não queriam ser somente informativas (*Ratgeber*), como tantos livros escritos durante o século XIX, e sim, de autores que narram a história de personagens que buscavam na emigração

melhores condições de vida no Brasil. Dessa forma, os futuros leitores dos livros, possíveis candidatos à emigração, têm a possibilidade de se identificar nessas personagens, que enfrentam problemas semelhantes aos seus e por isso deixam a sua terra para buscar melhores condições no além-mar.

Ao se trabalhar tais obras, é preciso ter o cuidado de perceber as nuances ficcionais realçadas pelo autor. Apesar de serem trazidos à discussão reais problemas e situações enfrentados pelos emigrantes ainda na Alemanha ou já no Brasil, temos que ter o cuidado de perceber a forma como o autor tenta trabalhar esses problemas e essas situações e não tomá-los como informações concretas para caracterizar a emigração alemã para o Brasil. Podemos, pois, nos perguntar o que teria levado Amalia Schoppe, Friedrich Gerstäcker e Joseph Hörmeyer a trazerem suas obras dessa forma a público e não em forma de textos não-ficcionais, como tantos outros escritores o fizeram.

Notas

¹ Destaco, aqui, a diferença entre a imigração oficial, geralmente de grupos, apoiada pelo governo português a partir do início do século XIX, e a imigração individual, ou seja, a que não está vinculada a normas determinadas para a imigração de grupos. (Ver ALDINGER, Paul, 1923; HUNSCHÉ, Carlos H., 1978; SCHRÖDER, Ferdinand 1930 e 1936; SÜDHAUS, Fritz, 1940).

² Poema de FOUQUET, Karl. *Der Einwanderer*. In: FLEISCHER, Marion. Elos e anelos da literatura em língua alemã no Brasil. São Paulo: Ed. da USP, 1981. p. 75-76.

³ Poema de KNOLL, Georg. *Erinnerung*. In: HUBER, Valburga. Saudade e esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura. Blumenau: Ed. da Furb, 1993. p. 71.

⁴ *Ibidem*, p. 73.

⁵ BONOW, I. G. *Onde o sabiá canta e a palmeira farfalha: a poesia em língua alemã publicada nos anuários (1874-1941) sul-rio-grandenses*. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-RS, 1991; HUBER, V. 1993 (referência acima); FAUSEL, E. Literatura rio-grandense em língua alemã. *Enciclopédia Rio-Grandense. O Rio Grande Antigo*. v. 2, Canoas: Ed. Regional, p. 222-239, 1956; e Deutsche Stimmen in der Riograndenser Literatur. *Intercâmbio*. n. 4/6, p. 82-88, 1957; FLEISCHER, M. Deutschbrasilianische Lyrik nach 1939. In: *Staden-Jahrbuch*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1967. p. 151-161 e referência acima; FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808-1824-1974*. Trad. de Guido F. J. Pabst. São Paulo: Instituto Hans Staden; São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974; NEUMANN, Gerson R. A *Muttersprache* (língua materna) na obra

de Wilhelm Rotermund e de Balduino Rambo e a construção de uma identidade cultural híbrida no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2000. 150p. Mimeografado. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada; NEUMANN, Gerson R. Brasilien in der deutschen Literatur des 19. Jahrhunderts: Amalia Schoppe und Friedrich Gerstäcker. *Tópicos – Deutsch-Brasilianische Hefte*, Jg. 42, Heft 3, 2003, p. 40-43. SOUZA, Celeste de. *A narrativa literária no anuário do Correio Serrano após 1948: Temas*. Boletim 28 (Nova Série) São Paulo: Secção Gráfica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1980.

⁶ KUDER, M. *Die deutsch-brasilianische Literatur*. In: *Institut für Auslandsbeziehungen*. Stuttgart: Jahr. 13, 1963, Heft 4, p. 295-299; o mesmo *Die deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsegefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien*. Berlin: Ferd. Dümmler, 1937.

⁷ SEMPER, H. Auswanderer im Spiegel der Dichtung. In: FREDEN, H. von; SMOLKA, G. *Auswanderer. Bilder und Skizzen aus der Geschichte der deutschen Auswanderung*. Weimar: Alexander Drucker Verlag, 1937. p. 145-162.

⁸ RESCHER, H. J. *Die deutschsprachige Literatur zu Brasilien von 1789-1850. Widerspiegelung Sozial- und Wirtschaftsstrukturen von 1789-1850 in der deutschsprachigen Literatur desselben Zeitraums*. Frankfurt am Main., Bern, Cirencester/ U.K.: Lang, 1979. (*Europäische Hochschulschriften: Reihe 3, Geschichte und ihre Hilfswissenschaften*, Bd. 122).

⁹ MIKOLETZKY, J. *Die deutsche Amerika-Auswanderung des 19. Jahrhunderts in der zeitgenössischen fiktionalen Literatur*. Tübingen: Max Niemeyer, 1988.

¹⁰ NEUMANN, Gerson Roberto. *Brasilien ist nicht weit von hier! Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800-1871)*. Frankfurt am Main/ Berlin: Peter Lang, 2005.

¹¹“Wenn wir vom vergangenen Jahrhundert sprechen [hier, das 19. Jahrhundert], so sehen wir in ihm das Jahrhundert der Kriege, das Jahrhundert des Kulturkampfes und der sozialen Revolutionen, wir sehen in ihm das Jahrhundert der Industrieentwicklung und des Fortschrittes, das Jahrhundert der Erfindungen und vergessen, dass es [auch] das Jahrhundert der Auswanderung ist.“ KELLER, H. Die Brasilienauswanderung aus dem Hunsrück – Symptom einer geistigen Strömung. In: *Zeitschrift für Kulturaustausch*. Stuttgart: Institut für Auslandsbeziehungen. Heft 4, Jg. 16, 1966, p. 228-232, aqui p. 228.

¹² Fase da história da literatura alemã. (Ver: ADLER, H. Der soziale Roman. In: SAUTERMEISTER, G.; SCHMID, U. *Zwischen Revolution und Restauration 1815-1848*. Hansers Sozialgeschichte der deutschen Literatur vom 16. Jahrhundert bis zur Gegenwart, Bd. 5, München: Deutscher Taschenbusch Verlag, 1998. p. 195-209).

¹³ SCHOPPE, Amalia. *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*. Berlin: Verlag der Buchhandlung von C. F. Amelang, 1828.

¹⁴ Ver: Allgemeine Deutsche Biographie, 32. Band, Berlin 1971, 368-369; Deutsche Biographische Enzyklopädie, 9. Band, München 1998, 116; STOLLTE, H. Amalie Schoppe. Ein Beitrag zur Beurteilung ihrer Persönlichkeit. *Hebbel Jahrbuch 1963*. Heide in Holstein: Westholsteinische Verlagsanstalt Boyens & Co. 1963. p. 149-179; SCHLEUCHER, K. *Das Leben der Amalia Schoppe und Johanna Schoppenhauer*. Darmstadt: Turris-Verlag, 1978.

¹⁵ O *Biedermeier* assim como o *Junges Deutschland* são fases da história da literatura alemã situadas após o Romantismo. A literatura caracteriza-se pela retomada de valores iluministas, associados a um cunho religioso e moral na tentativa de reforçar, principalmente na juventude alemã, esses valores. Os recursos didáticos desse período são perceptíveis na obra de Amalia Schoppe.

¹⁶ BIHL, L.; EPTING, K. (Hg.). *Bibliographie französischer Übersetzungen aus dem Deutschen 1487-1944*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1987, Bd. p. 321; p. 480-481 e Bd. 2 p. 708. Ver também SCHLEUCHER, K. 1978. p. 489-496.

¹⁷ “Schon ist der Sklavenhandel überall in Europa bei strenger Strafe verboten worden – und in Dänemark war es, wo man die ersten Schritte that, um dieser Abscheulichkeit ein Ziel zu setzen.” (Ver SCHOPPE, A. *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*. Berlin: Verlag der Buchhandlung von C. F. Amelang, 1828. p. 74).

¹⁸ CORTEZ, M. T. Entre o bem e o mal: a representação do Brasil na novela *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha* de Amalie Schoppe. In: GROSSEGESSE, O.; KOLLER, E.; MALHEIRO DA SILVA, A. e MATOS, M. (Org.) *Portugal – Alemanha – Brasil. 6. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch*. Col. Hespérides, Literatura 14, Bd. 2, Minho: Centro de Estudos Humanísticos, 2003. p. 103-120, p. 114.

¹⁹ “Die Auswanderer meist arme oder aus ihrem Besitz vertriebene Leute waren und die hohen Reisekosten nur selten aus ihren eigenen Mitteln bezahlen konnten, waren sie für Schiffsreeder und Spekulanten gute Spekulationsobjekte, mit denen lange Zeit ein regelrechter Handel getrieben wurde.” (Ver MÖNCKMEIER, W. *Die deutsche überseeische Auswanderung. Ein Beitrag zur deutschen Wanderungsgeschichte*. Jena: Verlag von Gustav Fischer, 1912. p. 11).

²⁰ “Ein und andere hiesige Kaufherren empfangen die Listen von den Frachten und den Akkord, welchen die Emigranten in Holland eigenhändig unterschrieben, nebst den übrigen Rechnungen von der Rheinfahrt und dem Vorschuß der Neuhänder für Erfrischungen, welche sie auf dem Schiffe auf Rechnung von ihnen empfangen. Darauf wird in den Zeitungen kund getan, dass so und so viele deutsche Leute für ihre Fracht zu verkaufen sind. [...] Das Schiff ist der Markt. Die Käufer suchen sich welche aus, akkordieren mit ihnen auf Jahre und Tage, führen sie zum Kaufherrn, bezahlen die Fracht und übrigen Schulden und lassen sie sich von der Obrigkeit durch ein schriftlich Instrument auf die bestimmte Zeit als ihr Eigentum verbinden. [...] Die jungen ledigen Leute beiderlei Geschlechts gehen am ersten ab, [...] alle verhehlchten Leute, Witwen oder Gebrechlichen will niemand kaufen [...] wenn sie aber gesunde Kinder haben, so wird der Alten ihre Fracht zu der Kinder ihrer geschlagen, und die Kinder müssen desto länger dienen, werden desto teurer verkauft und weit und breit voneinander [...]” (Ver KAPP, F. *Geschichte der deutschen Einwanderung in Amerika*. Bd. 1, Leipzig: Verlag von Quandt & Händel, 1868. p. 292s).

²¹ “Dass aber in diesem Lande von den habsüchtigen Bewohnern nichts aus Menschen- und Christenliebe gegeben wurde, wusste man schon aus manchen traurigen und niederschlagenden Erfahrungen”. (Ver SCHOPPE, A. 1828, p. 53).

²² Ver Allgemeine Deutsche Biographie, 9. Band, Berlin 1968, 59-60; Neue Deutsche Biographie, 6. Band, Berlin 1964, 323-324; Deutsche Biographische Enzyklopädie, 3. Band, München 1996, p. 657; OSWALD, T. 1977. ZANGERL, A. “Friedrich Gerstäcker (1816 – 1872). Romane und Erzählungen – Struktur und Gehalt. In: TAROT, R. (Hrsg.). *Narratio. Arbeiten zur Geschichte und Theorie der*

Erzählkunst. Bern: Peter Lang, Bd. 15, 1999; SEYFARTH, E. 1930; QUANTZ, L. “Zur Geschichte des völkerkundlichen Romans: Friedrich Gerstäcker”. In: PLISCHKE, H. (Hg.). *Göttinger Völkerkundliche Studien*. Leipzig: In Kommission bei Otto Harrassowitz, 1939, p. 45-76.

²³ “Was mich so in die Welt hinausgetrieben? – Will ich aufrichtig sein, so war der, der den ersten Anstoß dazu gab, ein alter Bekannter von uns Allen, und zwar niemand anders als Robinson Crusoe. Mit meinem achten Jahr schon fasste ich den Entschluß, ebenfalls eine unbewohnte Insel aufzusuchen.” (Ver GERSTÄCKER, F. *Kleine Erzählungen und Nachgelassene Schriften*. Jena: Costenoble, Bd. 1, 1879, p. 1).

²⁴ GERSTÄCKER, F. *Die Deutschen im Ausland. Vorlesung gehalten von Friedrich Gerstäcker im Saale der Kaiserlichen Militär-Academie zu Rio de Janeiro, den 21. September 1861*. Rio de Janeiro: Druck und Herausgabe von Lorenz Winter, 1861.

²⁵ GERSTÄCKER, F. *Die Colonie. Brasilianisches Lebensbild*. 3 Bde. Jena: Costenoble, 1939. O romance em questão foi publicado inicialmente no jornal *Kölnher Zeitung*. (Ver OSWALD, T. 1977, *Friedrich Gerstäcker – Leben und Werk*. Bibliographischer Anhang von Arnim Stöckhert. 2., korrigierte und ergänzte Auflage, Braunschweig: A. Kraff, 1977. p. 112).

²⁶ O conto, da mesma forma como o romance, surgiu inicialmente em jornal, no *Elberfelder Zeitung*. (Ver OSWALD, 1977, p. 178).

²⁷ “Davon weiß ein armer Direktor am besten zu erzählen, denn gerade in meiner Siedlung bin ich mit einer Klasse von Menschen geplagt, die fast alle das Jahr 1848 von Deutschland herübergeschucht hat und die jetzt auf Gottes Welt nicht wissen, was sie mit sich anfangen sollen.” (Ver GERSTÄCKER, 1939, p. 26).

²⁸ “Er sei nicht nach Brasilien gekommen um ‘wie ein Sklave zu schanzen’, er hätte sich sonst gleich von vornherein schwarz anstreichen lassen.” (Ver idem, p. 218).

²⁹ “Da haben Sie’s!” sagte der Direktor zu Könnern.” Monatelang liegen sie hier auf der faulen Haut und leben von der Unterstützungen, die ihnen der Staat verabreicht, also von Geldern, die sie nach fünf Jahren zurückerstatten müssen. Wo ich ihnen aber eine Gelegenheit geboten habe, selber für sich etwas zu verdienen.” (Ver idem, p. 31).

³⁰ “– Nachdem Ihre frühere Frau den katholischen Glauben angenommen hat, habe ich sie mit Dom Frabklin nach dem Ritus unserer Kirche zu unlöslicher Verbindung zusammengegeben.”“– Eine verheiratete Frau?” rief Pilger wieder, dem sich die Sinne bei dem eben Gehörten verwirren.”“– Eine protestantische Ehe ist nach unseren Gesetzen kein kanonisches Hindernis,” sagte der Geistliche kalt, “und wenn Sie in ein fremdes Land kommen, müssen Sie sich auch den bestehenden Gesetzen fügen.” (Ver idem, p. 183).

³¹ GERSTÄCKER, Friedrich. *Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde. Volksbuch.* Leipzig: Ernst Keil, 1869.

³² DAVATZ, Thomas. *Die Kolonisten in der Provinz St. Paulo in Brasilien.* Chur: Druck L. Hitz, 1858.

³³ “– Seid Ihr etwa keine Deutschen? fragte der ältere Fremde [Herr von Schwartzau].” “– Wir? – Nein”, lachte der Mann, “– das heißt, ja, wir sind schon Deutsche, aber doch nicht in Deutschland drüben

geboren, sondern hier in Brasilien. Mein Vater stammt vom Rhein und der meiner Frau aus Innsbruck. Beide waren vor etwa dreißig Jahren hier herübergekommen und hatten sich in San Liopoldo niedergelassen.” “– Also Brasilianer?” sagte Günther enttäuscht.”

“– Ah, nein, wir sind schon Deutsche”, lachte die Frau gutmütig, “und halten uns ja auch immer zu den Deutschen, wie Ihr seht, denn mit den Bleifüßen [os portugueses] ist doch nichts, und sie wollen nichts arbeiten und schaffen.” (Ver GERSTÄCKER, 1939, p. 12).

³⁴ Ver Deutscher Biographischer Index. 2. A. 3. Band, München 1998, 1488. HÖRMEYER, Joseph. *O que Jorge conta sobre o Brasil.* Rio de Janeiro: Ed. Presença, 1966. p. 7-11.

³⁵ *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung: Eine Bote zwischen der alten und der neuen Welt.* Rudolstadt, 1846 – 1871, 1855, Nr. 9, p. 34. (AAZ)

³⁶ HÖRMEYER, Joseph. *Georg, der Auswanderer. Oder: Ansiedlerleben in Süd-Brasilien. Illustrierte Schilderungen zur Erwägung für Wanderlustige.* Rudolstadt: Verlagsbuchhandlung der F. priv. Hofbuchdruckerei, 1869.

³⁷ Erster Abend: Wo liegt Brasilien? Die Deutschen werden weder an den Pflug gespannt noch als Sklaven verkauft. Die Indianer. Die freien Brasilianer. Die Neger und die Sklaverei. Die Eingewanderten.

³⁸ Fünfter Abend: Georgs Aufenthalt in Santos. Reise nach São Jerônimo. Vorteile dieser Einrichtung für den Einwanderer. Die Wohnung. Die Fazenda.

Referências

- ALDINGER, P. *Deutsche Mitarbeit in Brasilien*. Curitiba: Theodoro Locher, 1923.
- DAVATZ, Thomas. *Die kolonisten in der Provinz St. Paulo in Brasiliaen*. Chur: Druck L. Hitz, 1858.
- FLEISCHER, Marion. *Elos e anelos da literatura em língua alemã no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1981.
- GERSTÄCKER, Friedrich. *Die Colonie. Brasilianisches Lebensbild*. 3. Bde. Jena: Costenoble, 1864.
- _____. *Ein Parcerie-Vertrag. Erzählung zur Warnung und Belehrung für Auswanderer und ihre Freunde*. Volksbuch. Leipzig: Ernst Keil, 1869.
- _____. *Kleine Erzählungen und nachgelassene Schriften*. Bd. 1 und 2 Jena: Costenoble, 1872 und 1879.
- HÖRMEYER, Joseph. *Georg, der Auswanderer. Oder: Ansiedlerleben in Süd-Brasilien. Illustrierte Schilderungen zur Erwägung für Wanderlustige*. Rudolstadt: Verlagsbuchhandlung der F. priv. Hofbuchdruckerei, 1869.
- _____. *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1966.
- HUBER, Valburga. *Saudade e esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Ed. da Furb, 1993.
- HUNSCHE, Carlos H. *História da imigração alemã no Brasil*. São Paulo: Cultura Brasileira, 1978.
- KAPP, Friedrich. *Geschichte der deutschen Einwanderung in Amerika*. Bd 1, Leipzig: Verlag von Quandt u. Händel, 1868.
- KELLER, Hans-Heinz. Die Brasilienauswanderung aus dem Hamschich – Synton eines geistigen Stimmung. In: Leitscript für Kulfraustausch: *Institut für Auslandsbeziehungen*. Heftu, Ig. 16, 1966. p. 228-232.
- KUDER, Manfred. Die deutsch-brasilianische Literatur. *Institut für Auslandsbeziehungen*. Stuttgart. Jahr. 13, 1963, Heft 4, S. 295-299.
- _____. *Die deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien*. Berlin: Ferd. Dümmler, 1937.
- MIKOLETZKY, Juliane. *Die deutsche Amerika-Auswanderung des 19. Jahrhunderts in der zeitgenössischen fiktionalen Literatur*. Tübingen: Max Niemeyer, 1988.
- MÖNCKMEIRER, Wilhelon. Die deutsche, übersiedliche Auswanderung. Eia Beitragzur, deutschen Wanderrungs geschichte. Jena: Verlag von Gustao Fischer, 1912.
- NEUMANN, Gerson R. *Brasilien ist nicht weit von hier! Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800 - 1871)*. Frankfurt am Main/ Berlin: Peter Lang, 2005.
- RESCHER, Hubertus J. *Die deutschsprachige Literatur zu Brasilien von 1789 – 1850. Widerspiegelung Sozial- und Wirtschaftsstrukturen von 1789–1850 in der deutschsprachigen Literatur desselben Zeitraums*. Frankfurt am Main, Bern, Cirencester/U.K.: Lang, 1979. (Europäische Hochschulschriften: Reihe 3, Geschichte und ihre Hilfswissenschaften, Bd. 122).
- SCHOPPE, Amalia. *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonbonha*. Berlin: Verlag der Buchhandlung von C. F. Amelang, 1828.
- SCHRÖDER, Ferdinand. *Die deutsche Einwanderung nach Südbrasilien bis zum Jahre 1859*. Berlin: Verlag Ev. Hauptverein für Deutsche Ansiedler und Auswanderer, 1930.
- _____. *Brasilien und Wittenberg. Ursprung und Gestaltung deutschen evangelischen Kirchentums in Brasilien*. Berlin und Leipzig: Verlag Walter und Grunter, 1936.

SEMPER, H. Auswanderer im Spiegel der Dichtung. In: FREEDEN, H. von; SMOLKA, G. *Auswanderer. Bilder und Skizzen aus der Geschichte der deutschen Auswanderung*. Weimar: Alexander Drucker Verlag, 1937, S. p. 145-162.

SÜDHAUS, Fritz. *Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien im 19. Jahrhundert*. Hamburg: Hans Christians Verlag, 1940.

